

OS SABERES E AS PRÁTICAS DO CONGADO E DA MEDICINA POPULAR NA HISTÓRIA DA FAVELA CABANA DO PAI TOMÁS, EM BELO HORIZONTE/MINAS GERAIS

LUCAS ARAÚJO DUTRA RODRIGUES E BRÁULIO SILVA CHAVES

OS SABERES E AS PRÁTICAS DO CONGADO E DA MEDICINA POPULAR NA HISTÓRIA DA FAVELA CABANA DO PAI TOMÁS, EM BELO HORIZONTE/MINAS GERAIS

THE KNOWLEDGE AND PRACTICES OF CONGADO AND POPULAR MEDICINE IN THE HISTORY OF THE CABANA DO PAI TOMÁS FAVELA IN BELO HORIZONTE/MINAS GERAIS

LUCAS ARAÚJO DUTRA RODRIGUES¹

lucasaraujodutra@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-1173-319X>

BRÁULIO SILVA CHAVES²

braulioscl@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-4364-5944>

Resumo

O artigo objetiva analisar como a história política da favela Cabana do Pai Tomás, em Belo Horizonte, Minas Gerais, está entrelaçada à cultura por meio dos saberes tradicionais e ancestrais que confluem na medicina popular e no Congado e potencializam caminhos de múltiplas resistências. Parte de uma historiografia contemplou os aspectos políticos da Cabana, tendo em vista sua ocupação oficial nos anos 1960, atravessada por processos de favelização no Brasil, com as contradições do movimento de urbanização que empurra sujeitos indesejáveis para zonas periféricas das cidades, somando-se aos conflitos pelos territórios no contexto da ditadura empresarial-militar que se instala em 1964. A premissa geral do texto é a de que na tessitura da história da Cabana, diante de um quadro de mudanças sociais importantes, o viés político se sobrepôs a outras formas de organização e contra-hegemonia. Na busca de entrelaçamentos, o texto reivindica outro estatuto ontológico e epistemológico na compreensão da comunidade. Considerando como esteio referenciais no âmbito da história e da sociologia urbana, com a análise qualitativa e documental, buscaram-se diferentes

¹ Doutorando no Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva do Instituto René Rachou (IRR/Fiocruz-MG). Possui mestrado em saúde coletiva pela mesma instituição (2022) e graduação em engenharia ambiental e sanitária pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (2019).

² Professor do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Cefet-MG), no Departamento de Ciências Sociais e Filosofia (DCSF), instituição onde coordena o Programa SoFiA de Extensão Popular e Divulgação Científica. Doutor em História pela UFMG e pós-doutorando em saúde coletiva no Instituto René Rachou/Fiocruz Minas, com bolsa do CNPq. É líder do GEPTT (Grupo de Estudos e Pesquisas em Trabalho e Tecnologias) e tutor do PET-ConectTE-Cefet-MG, Conexão Interdisciplinar: Trabalho, Tecnologias e Educação (Grupo do Programa Institucional de Educação Tutorial do Cefet-MG).

composições em que a inserção da favela na cidade se cruza, a contrapelo de um caminho de apagamentos, com outras práticas e saberes ancestrais, populares e tradicionais.

Palavras-chave: Cabana do Pai Tomás. Medicina popular. Congado. Belo Horizonte.

Abstract

The article aims to analyze how the political history of the Cabana do Pai Tomás favela, in Belo Horizonte/Minas Gerais, is intertwined with culture through the traditional and ancestral knowledge that converge in folk medicine and Congado and potentiates paths of multiple resistance. Part of a historiography has considered the political aspects of the Cabana, in view of its official occupation in the 1960s, crossed by processes of favelization in Brazil, with the contradictions of the urbanization movement that pushes undesirable subjects to the outskirts of cities, adding to the conflicts over territories in the context of the business-military dictatorship that was installed in 1964. The general premise of the text is that in the Cabana's history, in the face of major social changes, the political bias takes precedence over other forms of organization and counter-hegemony. In the search for interconnections, the text claims another ontological and epistemological status in the understanding of community. Using references from the fields of history and urban sociology as a base, with qualitative and documental analysis, we are looking for different compositions in which the insertion of the favela in the city intersects, against the backdrop of a path of erasure, with other ancestral, popular, and traditional practices and knowledge.

Keywords: Cabana do Pai Tomás. Popular medicine. Congado. Belo Horizonte.

Introdução

A Cabana do Pai Tomás é uma favela, também identificada como um bairro na região Oeste de Belo Horizonte, Minas Gerais, marcada por contradições da inserção no espaço “oficial”, o que se materializa em uma trajetória de ocupação e resistência, desde os anos 1960, atravessada por diversos elementos das lutas políticas, culturais e simbólicas que a constituem. Sua história política foi fortemente demarcada em decorrência de seu processo de formação. Desde os embates travados entre moradores, o autointitulado “dono” de parte território, Antônio Luciano,³ e o Estado, para apropriação do espaço, até os movimentos de resistência e de conquistas históricas de infraestrutura urbana e equipamentos públicos. A historiografia da Cabana do Pai Tomás produziu análises que focalizam esses aspectos políticos de maneira destacada (Cunha, 2003; Corrêa, 2004; Oliveira, 2008, 2014; Vieira Santos, 2016).⁴ Do território, contudo, emanam histórias, memórias e o desejo de um registro dos saberes e práticas tradicionais e ancestrais que se entrelaçam à política e que, por vezes, ficam encobertos. Emana de sujeitos o desejo de que a história da Cabana também seja contada a partir de outros elementos, até como forma de resistir ao processo de apagamento em curso.

Esse foi o intuito do projeto “Artes de curar, rezar e brincar: saberes, tradições e resistências ao apagamento no aglomerado Cabana do Pai Tomás”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (aprovado na Chamada Fapemig 001/2021 – Demanda Universal) e pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Cefet-MG), por meio de apoio a projetos de extensão. O projeto foi realizado a partir de metodologia colaborativa com a comunidade, que incluiu levantamento, leitura e análise bibliográfica sobre a Cabana do Pai

³ Antônio Luciano Pereira Filho (1913-1990), empresário e político belo-horizontino, com mandato de deputado federal entre 1963 e 1967, pelo Partido Social Democrático (antigo PSD), é figura mítica da cidade, tido por muitos moradores como dono de “metade de Belo Horizonte”, dada a extensão de sua riqueza e influência política.

⁴ A abordagem de Corrêa (2004) apesar de focalizar elementos políticos, também aciona elementos da religiosidade para tratar dos processos de ocupação do território.

Tomás; coleta e análise de documentos sobre a história dessa favela e de Belo Horizonte em acervos históricos oficiais, como o Arquivo Público Mineiro; realização de um conjunto de entrevistas em profundidade.⁵ Além de outros resultados do projeto, há um livro (Santos, Santos, 2023) e um documentário (30 anos..., 2023) sobre os 30 anos da Guarda de Congo São Benedito e Nossa Senhora. Os sujeitos participantes do projeto foram selecionados por serem moradores da Cabana do Pai Tomás e pela participação nas práticas envolvidas nas chamadas artes de curar, rezar e brincar. Essa seleção e as entrevistas se deram ao longo dos três anos de execução do projeto (2021-2023). Foram produzidas sete entrevistas em profundidade (Minayo, Costa, 2019), com pessoas entre 25 e 80 anos, sendo a maioria do gênero feminino.

Neste artigo, os saberes populares, tradicionais e ancestrais são entendidos como um conjunto de conhecimentos elaborados, vivenciados e construídos no seio de grupos sociais diversos e a partir de suas práticas culturais cotidianas. Sendo os saberes tradicionais aqueles produzidos por povos e comunidades tradicionais (García, 2022), nessa categoria, consideramos os saberes da medicina popular produzido pelas raizeiras da Cabana do Pai Tomás. Ancestralidade é aqui entendida como um elo histórico, um fio que se liga a um passado que se tentou apagar de diversas formas, pela força das armas, do poderio econômico colonizador e da própria palavra que se apropria e tenta decompor saberes, forjando outros a serviço de uma visão antropocêntrica da natureza, em que o humano parece apartado dela. Ancestralidade remete ao lugar das confluências que Bispo (2015, 2023) reivindicou como “força viva da natureza” que resiste também com a palavra/linguagem, mas opera no lugar da oralidade e das trocas geracionais. Por isso, falar de ancestralidade é um ato contracolonizador. Ancestralidade, nessa acepção, não remete apenas às pessoas, mas também às coisas e ao espiritual, na forma com que essas dimensões interagem e naquilo que resulta dessa relação: contradição, sabedoria e resistência. Com o objetivo

⁵ Essas entrevistas ocorreram após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Cefet-MG, pelo parecer 5.742.312.

de refletir sobre a relação dos saberes populares, tradicionais e ancestrais com a história da Cabana do Pai Tomás, partiu-se da premissa de que a política se entrelaça à cultura e potencializa a história, a memória e as práticas de resistências em um território vulnerabilizado. O artigo tem duas partes, a primeira tratando da relação entre os aspectos históricos do território, sua origem no registro oficial e sua constituição, em momento da cidade de Belo Horizonte de constante expulsão de moradores das proximidades do centro e o surgimento de várias vilas e favelas. A segunda trata da presença dos saberes ancestrais e tradicionais do Congado e da medicina popular na comunidade, a partir dos relatos e memórias de moradores.

Cabana do Pai Tomás: tensionamentos de uma história com o projeto de uma cidade moderna

Desde sua formação Belo Horizonte reflete as dicotomias estabelecidas pelas epistemologias eurocentradas, capitalistas e de viés racializado sobre as relações entre o progresso e o atraso, o moderno e o arcaico, o urbano e o rural – dilemas esses sintetizados em frase usada pelos próprios moradores para definir a cidade: “Belo Horizonte é uma roça grande”. Inaugurada em 1897, em meio aos anseios republicanos para substituir a colonial Ouro Preto, a nova capital mineira nasceu de linhas matematicamente delineadas, em resposta aos ideais positivistas presentes no projeto vigente das classes dominantes da sociedade brasileira (Duarte, 2007).

Sob uma perspectiva de racionalização do espaço urbano, a parte planejada da cidade foi composta como um tabuleiro para a movimentação de mercadorias e pessoas. Além dessa região central, chamada de zona urbana, apresentava duas outras zonas, uma suburbana e uma rural, com nítida hierarquia de importância e de destinação de recursos entre as três. Os trabalhadores pobres viviam para além da delimitação da Avenida do Contorno, em áreas consideradas insalubres, perigosas, cuja paisagem apresentava matagais, alagadiços e casebres,

em contraste com os ideais de ordem e higiene vigentes no centro (Julião, 1996).

Lefebvre (2019) aponta que, com o crescimento e espraiamento da urbanização, ocorre a especialização dos espaços das cidades, mas sempre remetidos ao centro, onde se concentram poder, riqueza e informação. Dialeticamente, centro e periferia se produzem e se conectam pelo binômio da exclusão e dependência. Ao longo do processo de ocupação de Belo Horizonte, o poder instituído expulsou trabalhadores pobres do centro e de suas proximidades, pois suas habitações seriam insalubres e não apresentariam boas condições de moradia, não ornariam o projeto de cidade moderna.

Quanto à dependência entre centro e periferia, trata-se de uma interdependência. Essa dinâmica que expulsa os trabalhadores pobres da área circunscrita pela Avenida do Contorno também tem que responder à necessidade de circulação diária dessas populações no centro, uma vez que é da força de trabalho desse segmento que depende a produção da riqueza que ali se concentra. Diante da concentração de riqueza, poder e informação, é no centro que o Estado, para atender às classes dominantes, constrói as principais infraestruturas urbanas e as instituições de prestação dos principais serviços. Dessa forma, a população periférica, também necessita se deslocar, um movimento descrito na frase ainda utilizada por moradores periféricos belo-horizontinos: “preciso ir até a ‘cidade’ para resolver [alguma coisa]”.

A partir desse processo é que se formam as vilas e favelas de Belo Horizonte. Em contraposição ao ideal de progresso e modernidade, já no fim da década de 1950 e início da seguinte, com novas configurações políticas e econômicas brasileiras, sobretudo com o impacto do projeto nacional-desenvolvimentista, a população, em busca de locais para habitar, se organiza em múltiplos territórios construídos sem infraestrutura e a contrapelo das perspectivas positivistas e higienistas de urbanidade.

Nesse período é que surge, oficialmente, a favela Cabana do Pai Tomás, localizada na região Oeste de Belo Horizonte (Figura 1), cujas

origens na narrativa oficial remontam ao início da década de 1960. A data oficial de ocupação oficial da Cabana seria 1963, porém, destaca-se que os próprios moradores, a partir de relatos, confirmam que algumas pessoas residiam na região anteriormente (Cunha, 2003). O empresário Antônio Luciano Pereira Filho plantava eucaliptos em amplos terrenos na região. Embora não se saiba se os terrenos foram adquiridos legalmente ou não, fato é que seu poder econômico garantia a posse efetiva, a partir da empresa Fayal.⁶

As questões fundiárias e de moradia eram problemas significativos na cidade. O aumento do preço de imóveis no centro acontecia há algumas décadas, e se repetia em outras regiões, especialmente na Oeste.



Figura 1: Favela Cabana do Pai Tomás, na região Oeste de Belo Horizonte

Fonte: BH Map.

Essa situação tomou atenção da prefeitura, no que diz respeito a resolver os enfrentamentos entre moradores que ocupavam terrenos, construíam moradias precárias e demandavam atenção do poder público, especialmente, por meio da Federação de Trabalhadores Favelados de Belo Horizonte (FTBH) (Oliveira, 2014). Ante tal circunstância política, a prefeitura de Belo Horizonte resolveu aplicar a lei de desapropriação de terras para efeitos de destinação social, principalmente, moradias.

A organização de moradores da região que viria a se tornar a Cabana do Pai Tomás resolveu, contudo, tomar a iniciativa histórica em suas próprias mãos e realizar a ocupação das terras de Antônio Luciano, visando pressionar a prefeitura no sentido de concretizar a promessa de desapropriação. Esse fato se relaciona com outros acontecimentos que envolveram a arregimentação de alianças entre os moradores ocupantes e vereadores de Belo Horizonte, junto com passeatas, atos de resistência

⁶ Fayal SA empresa imobiliária com sede em Belo Horizonte, que pertenceu a Antônio Luciano Pereira Filho.

às tentativas de expulsão, além da parceria com partidos políticos e setores da Igreja católica que apoiavam a luta dos trabalhadores, ajudando na construção de barracas, casas de adobe, além de persuadir políticos católicos a influenciar nas tomadas de decisão da prefeitura.

Durante esse processo, muitos reveses ocorreram, como a retirada de famílias a partir do poder coercitivo do Estado, a ofensiva da mídia publicando notícias que desacreditavam a ação política dos ocupantes e as ações legislativas e judiciais que visavam dificultar o reconhecimento da luta dos moradores. A Figura 2 demonstra como a história da comunidade está envolvida em questões políticas e ideológicas importantes do período, como o anticomunismo e a vigilância a certos grupos. Tais acontecimentos intensificavam a situação precária de moradia e dignidade dos moradores da ocupação, que resistiam vivendo em barracas de lona.⁷ Esse contexto, contudo, também forjou um importante senso comunitário, instou laços de solidariedade entre os moradores e estimulou a população a somar forças na luta por direitos e por justiça social. Com base em suas memórias, os moradores relatam como esse momento foi doloroso, mas muito especial e importante para o território e para eles mesmos.⁸

A partir de Corrêa (2004), pode-se dizer que a religiosidade católica é um dos elementos que compõem a trama dessa luta política realizada pela população moradora da Cabana do Pai Tomás. Só no final da década de 1970, com o início do processo de abertura política, é que a população voltaria a fortalecer sua organização a partir do papel da Associação de Moradores e das Comunidades Eclesiais de Base que retomaram atuação mais forte na organização política das comunidades, uma vez que concebiam ser o papel da Igreja não “apenas salvar a alma, mas salvar vidas” (p. 163), o que implicava participar de lutas sociais.

⁷ Ver documentário *Da lona ao Pai Tomás: a história da Cabana contada pelos seus primeiros moradores*, dirigido por Marcus e Dea Vieira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kBcOI3fSHPg>.

⁸ Para mais informações e detalhes desses acontecimentos, ver Minas Gerais (1984), Corrêa (2004), Cunha (2003) e Vieira Santos (2016).

Como fenômeno cultural e social, a religiosidade presente na Cabana do Pai Tomás se apresenta de múltiplas formas, não se restringindo ao catolicismo. As memórias a respeito da origem do nome do bairro são interessantes para demonstrar essa multiplicidade de elementos culturais, religiosos ou não, que perpassam o território em seu registro simbólico e histórico.

Cunha (2003) faz uma síntese das quatro configurações de memória coletiva sobre o nome Cabana do Pai Tomás para o bairro. A primeira, refere-se à relação com o romance estadunidense *A cabana do Pai Tomás* (1851), de Harriet Stowe (1811-1896), adaptado como telenovela pela rede Globo em 1969. A memória remete à existência de um homem negro, idoso, morador de uma pequena casa na região, elemento que traça um paralelo com a narrativa da novela. A segunda, remete-se à lembrança da existência de um bar/restaurante localizado na Avenida Amazonas, importante via da cidade, que tinha o nome Cabana do Pai Tomás, e ao qual os moradores se referem como lugar de “noitadas”, “salão de dança”, “palco de mulherada” (Cunha, 2003, p. 28). A terceira memória trata de um capataz chamado Tomás que morava na região e possuía uma cabana em que cuidava dos animais dos viajantes que passavam pela região e ali pernoitavam. Por fim, a quarta, remete-se ao curandeiro Joaquim Tomás, procurado pelas pessoas enfermas para que as benzesse, algumas vezes, remetido como benzedor, como preto velho, outras como indígena. Os moradores também informam que, em caso de necessidades de saúde e espirituais, ele era procurado em sua cabana.

Neste texto, as quatro configurações de memória compõem e recompõem a memória coletiva (Halbwachs, 1990) sobre o passado da

PLANO COMUNISTA PARA ELIMINAR JORGE CARONE



As Carabolas — no Rio de Janeiro — em companhia do deputado Welington Lobo.

Estava sendo articulado numa favela da Capital

Uma denúncia foi feita no caso de um plano, previsto no âmbito do Povoamento, para eliminar o nome da favela da Capital. O plano, que seria articulado em uma reunião, teria sido elaborado por um grupo de pessoas, que se reuniram em uma casa, na favela da Capital, para discutir o plano. O plano, que seria articulado em uma reunião, teria sido elaborado por um grupo de pessoas, que se reuniram em uma casa, na favela da Capital, para discutir o plano.

REPRODUÇÃO
DO ARQUIVO

Figura 2: Reportagem do *Diário de Minas* de 09/04/1964

Fonte: Minas Gerais (1984).

Cabana do Pai Tomás e a origem de seu nome. Para além de uma preocupação com a versão “verdadeira” da origem, essas memórias são acionadas porque revelam elementos simbólicos e materiais que perpassam a comunidade. A memória coletiva é fenômeno que evoca e articula passado, presente e futuro, permite construir uma imagem do passado e desenvolver de nós mesmos uma imagem e identidade (Pollak, 1992).

A quarta configuração de memória remonta a elementos muito associados ao trabalho que origina este artigo. Os relatos sobre o curandeiro Joaquim Tomás tratam das artes de rezar e de curar de uma população desassistida de estruturas públicas de saúde que recorria aos saberes tradicionais, ancestrais e populares em busca do estabelecimento da saúde física, mental e espiritual. Joaquim Tomás era um benzedor, preto velho ou caboclo? As diferentes versões dizem de um passado que remonta às manifestações de fé então existentes no território e, também, do presente, em que convivem e disputam diferentes expressões religiosas, além de destacada população indígena na comunidade. Ressalta-se que não se estabelece aqui uma disputa supostamente inerente entre o cuidado espiritual e o biomédico, posto que a busca pelos dois tipos de cuidado não é excludente. Essa disputa, entretanto, se faz presente no território estudado, de forma velada ou explícita, em discursos e práticas, dentro de instituições e fora delas e é destacada, aliás, como elemento importante no processo de tentativa de apagamento dos saberes, por exemplo, no caso do uso das plantas medicinais, como será tratado adiante.

Cabana do Pai Tomás: as artes de curar e rezar na história do território

A Cabana do Pai Tomás, como diversas favelas e vilas brasileiras, é um território marcado pela presença de pessoas negras, resultado de consequências da questão fundiária brasileira e de uso e ocupação da terra no campo e na cidade, desde o período posterior ao fim do processo

de escravização. Na mesma perspectiva de Corrêa (2004), tal como apontado na seção anterior, observamos a importância do papel da religiosidade católica na formação do território e vale destacar uma especificidade que nos remete ao diálogo com outras religiões: a presença do Congado.

Trata-se de expressão religiosa e cultural partilhada por diferentes matrizes religiosas, como o catolicismo, a umbanda e o candomblé. No âmbito da religião católica, constitui uma das possibilidades de identidade negra em seu interior. Também chamado de guarda, irmandade, congada, terno e reinado, entre outros nomes, em linhas gerais, o Congado consiste no festejo de coroação de um rei e/ou rainha, que se dá por meio de uma interpretação ritualística, em que se realizam cortejos públicos e procissões em devoção à nossa senhora do Rosário e a outros santos negros, como santa Efigênia e são Benedito. A partir de música e dança, os cortejos se realizam por integrantes da guarda utilizando vestimentas/fardamento e indumentárias religiosas consagradas a essa finalidade (Sousa, 2016; Vilarino, 2007). Músicas e ritualística, além de compor a cerimônia de coroação e louvor aos santos, elaboram e comunicam narrativas sobre as diásporas negras. Elementos importantes das festividades do Congado também são as refeições preparadas e compartilhadas, em ato de comunhão com as outras guardas e com as pessoas que acompanham os festejos.

A historiografia sobre a Cabana focalizou a importância da criação da Paróquia Cristo Luz dos Povos, em 1967, e o surgimento das Comunidades Eclesiais de Base, no final da década de 1970. Se o papel político *stricto sensu* do catolicismo pode ser aferido a partir desses elementos, a realidade cultural e religiosa da Cabana nesse período não deixou de existir com base em outros componentes.

Como que foi a fundação desse Congado? Ele fazia muita festa junina, sabe? Era festa mesmo, junina, pra gente participar. “Nó”, era bom demais. Entendeu? A gente fantasiava de não sei mais o quê (risos) [...]. Nossa, mas era bom demais. Nós dançava quadrilha, sabe? Tinha muita coisa. Tinha um baile na casa dele toda segunda-feira. Eu, quando trabalhava, aí, então, o povo já sabia, depois do trabalho ia pro baile. E aí um dia na festa

junina, terminou, nós tava limpando o terreiro, né? Aí nós falou assim 'engraçado, né, num tem nenhum Congado aqui, que tal, vamo tentar fazer um Congado?' E aí ficamo naquela vamo, não vamo, vamo, não vamo, naquela alforria toda. Até que resolvemos e fomos fazer. Foi saber direitinho e tal e formou mesmo com muita dificuldade lá (Mulher negra, entrevista concedida em 14/12/2022).

No trecho, a moradora conta sobre o contexto de criação do primeiro Congado no bairro, a Guarda de Congo Nossa Senhora do Rosário, em 1977, capitaneada pelo “seu” Zé.⁹ Ela relembra as tradicionais quadrilhas e bailes que seu Zé organizava em sua casa, espaços de sociabilidade, celebrações e lazer para a comunidade. Nascida em Piracema, MG e tendo vivido em Moeda, MG, a entrevistada se mudou para Belo Horizonte, em 1961, para a região que se tornaria a Cabana do Pai Tomás. A vontade de realizar o Congado na Cabana se deu em decorrência de sua identidade e ancestralidade. Em conversas, ela menciona o Congado de que seu pai e sua família participavam no interior do estado e do qual se afastaram ao se mudar para a capital.

Nesse sentido, ao participar da fundação da Guarda de Congo Nossa Senhora do Rosário, em 1977, e depois, em 1993, ao fundar a Guarda de Congo São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, a entrevistada é figura ativa do processo de “enriquecimento da diversidade socioespacial” (Santos, 2006, p. 219) da Cabana do Pai Tomás. Moradora da Cabana, ela provém de um fluxo migratório do campo para a cidade e trouxe consigo elementos simbólicos e culturais fixados em modos de vivenciar o território que se transformam em tradição e são vivenciados também por seu círculo social e sua família.

Outra integrante da guarda agrega os seguintes apontamentos sobre a construção dessa sociabilidade:

⁹ É importante mencionar a necessidade de um recorte para a pesquisa. No território da Cabana do Pai Tomás existem, pelo menos, três guardas. A primeira a surgir é a Guarda de Congo Nossa Senhora do Rosário, a segunda é a Guarda de Congo São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, e a terceira, a Guarda de Moçambique Nossa Senhora do Rosário. Até o momento, contudo, o trabalho de aproximação se efetivou a partir da Guarda de Congo São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, o que se deu, principalmente, pela presença de uma integrante da guarda na idealização e execução do projeto “Artes de curar, rezar e brincar”.

É muito gratificante, sim, o momento da gente ter, da gente pôr nossa farda e sair pela rua cantando, né, com as meninas, com a empolgação na caixa [...]. [Quem gosta da guarda] Sempre está aqui nos terços, a gente faz os terços, a gente faz tudo o que a gente faz aqui. Porque acabou que a gente não faz só a festa do Congado. A gente levanta a bandeira de Santo Antônio, a gente levanta a bandeira da Nossa Senhora Aparecida junto com a festa de Nossa Senhora Aparecida de Fátima. Então, assim, acaba a gente se envolvendo em tudo. E tudo que tem. Teve uma vez na festa da paróquia, que nós fomos. Então, sim, é... Acaba de nós estarmos juntos. Não tem como não estarmos juntos. Esses anos foram conquistando esse espaço na Cabana e esse espaço está aí (Mulher negra, entrevista concedida em 26/05/2023).

Figura 3: Festejos da Guarda de Congo São Benedito e Nossa Senhora do Rosário em maio de 2023

Fonte: Acervo do projeto Artes de Curar, Rezar e Brincar (2023).

A existência do Congado na Cabana também é, contudo, resistência. Por ser manifestação religiosa intimamente relacionada com a etnicidade negra, o Congado é vítima de racismo religioso, mesmo em sua vertente relacionada ao catolicismo. Entre os católicos, muitas vezes, não é reconhecido como uma prática, um rito entre os demais. Os relatos de participantes da Guarda de Congo São Benedito e Nossa Senhora do Rosário dão conta de que as formas com que o racismo religioso se manifesta na Cabana do Pai Tomás, em relação ao Congado, incluem também atitudes de agressão verbal e, por vezes, física e de discriminação com seus integrantes. Muitas vezes chamados de “macumbeiros”, eles percebem que grupos de outras denominações cristãs tentam inviabilizar ou dificultar a realização dos festejos. Procissões e cortejos (Figura 3) demandam impedimentos de trânsito, que não são respeitados em algumas situações, colocando em risco a segurança dos integrantes das guardas. Ouvimos também o relato de que, certa vez, durante uma procissão, ao transitar sob uma janela, receberam água quente sobre as cabeças.



Porque os antigos nos respeitam, mas as pessoas mais novas, elas... caçoam, não fala de caçoar só, de pegar leve, não. É de agredir mesmo, é de jogar água quente mesmo, é de apontar o dedo, jogar o carro pra cima mesmo. Então, o que a gente quer é que seja visto, que seja respeitado, que é a questão da resistência até o apagamento. Precisam ter essa noção que é uma coisa que acontece (Mulher negra, entrevista concedida em 14/12/2022).

Outro desafio importante que o Congado enfrenta na Cabana do Pai Tomás é referenciado neste último depoimento, relativo ao aspecto geracional. Há a percepção de que as pessoas mais velhas respeitam e compreendem melhor o que são as guardas e sua importância. Esse é um aspecto complexo, influenciado por múltiplas determinações, mas é possível refletir sobre ele como parte do processo de enfrentamento a visões arraigadas e aos obstáculos para a valorização de saberes ancestrais. Há uma tendência ao afastamento de certas sociabilidades e de manifestações vinculadas às tradições e à ancestralidade de nossos “múltiplos territórios”. Vilarino (2007) comenta a invisibilidade do Congado em Belo Horizonte, rompida parcialmente só em meados dos anos 2000, quando houve mais exposição dessas práticas, a partir de algumas iniciativas de valorização cultural por parte da prefeitura da cidade. Essa invisibilidade em território como a Cabana do Pai Tomás reforça duplamente uma visão estereotipada e negativa do território: ao mesmo tempo que oculta conhecimentos e práticas que compõem a identidade da população que ali mora, dá visibilidade exorbitante aos elementos da violência e criminalidade que, apesar de fazer parte, sobressaem quase como únicos marcadores. Esse processo intensifica o senso comum das favelas como locais violentos e, no imaginário do belo-horizontino, da Cabana como um território reduzido à violência e à criminalidade.

Processo similar ocorre em relação aos saberes e práticas tradicionais da medicina popular. Constatam-se, pelos relatos da população local, a manutenção da memória de Joaquim Tomás, benzedor e curandeiro, como origem do nome da Cabana, e a existência de mulheres raizeiras, benzedadeiras, curandeiras, que a povoavam e, hoje falecidas, são sementes, mas em solo que dificulta o cultivo:

Elas já faleceram. E não tenho contato com outras. Ainda não. Os saberes populares, eles ficaram muito esquecidos e, hoje em dia, se você tá doente, você toma logo um comprimido e pronto e, hoje em dia, querendo ou não, o benzedeiro é discriminado. Então, se existe algum, num se fala mais que faz, por causa da discriminação. (...) A própria população em si tem preconceito. Os que vem agora, por não ser criado nesses saberes, colocam adjetivos de coisas ruins, mas também não procura saber os benefícios, só o lado ruim, que eles acham. A própria população em si, pelo esquecimento dos saberes, discrimina. Hoje em dia, se uma pessoa tem um pé de arruda dentro de casa, ele é macumbeiro (Mulher parda, entrevista concedida em 02/12/2022).

A entrevistada, raizeira da comunidade, nos conta sobre esse solo que dificulta o florescimento dos saberes da medicina popular na Cabana do Pai Tomás; o preconceito e o racismo religioso obstaculizam que as pessoas se declarem publicamente raizeiras, benzedeiras, curandeiras. Isso, porém, não significa que elas não existam e que não pratiquem a medicina popular e tradicional, embora sejam invisibilizadas.

As práticas da medicina popular e tradicional na Cabana do Pai Tomás remetem, especialmente, ao benzer e ao uso de plantas e ervas medicinais. O uso de plantas medicinais é prática humana cheia de historicidade. Há registros de que, desde os primórdios da organização humana em sociedade, os seres humanos utilizam ervas e outros materiais de origem orgânica ou inorgânica encontrados no ambiente para o uso medicinal, guiados por instintos e, depois, testando empiricamente as plantas e os efeitos associados a seu uso. O uso e o efeito dessas plantas foram relacionados a práticas mágicas, místicas e ritualísticas. A arte de benzer é comumente associada à arruda e à guiné.¹⁰

As curandeiras, raizeiras e benzedeiras se distinguem por seus saberes e suas práticas e pelas finalidades que dão ao uso das plantas medicinais. Há fins religiosos e ritualísticos no âmbito do catolicismo, das religiões afro-brasileiras e das religiões dos povos indígenas. Existem,

¹⁰ Segundo Santana (2022), os saberes implicados no uso medicinal e médico-religioso dessas plantas se constituíram nas trocas entre *ngangas* (feiticeiros) negros e pajés. Sendo assim, os percursos sociais, culturais e botânicos dessas espécies permitem compreensão de importantes elementos da formação da história e dos saberes e práticas da medicina popular e tradicional brasileira.

porém, raizeiras que não associam sua prática diretamente a algum ritual religioso, apesar de o sentido de espiritualidade, costumeiramente, estar presente na relação estabelecida com a natureza. Apesar dessa ressalva e entendendo os limites para um aprofundamento sobre as bases religiosas no presente texto, o recorte escolhido nos permite considerar que os conhecimentos e as práticas relativos às plantas medicinais estão associados a uma cosmovisão em que a relação com a natureza não é de dominação, mas de interação com entidades/deuses materializados em elementos do universo, que concretizam condições de vida e equilíbrio (Santos, 2015). O trabalho dessas pessoas exige preparação, desde o plantio (se necessário e quando possível), a colheita das folhas e raízes, o preparo e manipulação (em forma de chá, pomada, extrato, essência etc.), a elaboração do receituário, até o ritual de rezas e orações.

O uso de plantas medicinais e a fitoterapia são práticas amplas e disseminadas em todo o mundo e, para seus desenvolvimentos, dialogam com o conhecimento científico, das ciências da saúde, para produção dos fármacos fitoterápicos. Dessa forma, o conhecimento sobre muitas plantas medicinais e seus usos foi catalogado e disponibilizado em livros. Os saberes da medicina popular e tradicional não se restringem, contudo, ao reconhecimento de um desenho ou foto de uma planta e uma pequena lista de benefícios e malefícios. Esses saberes e práticas são transmitidos no âmbito familiar a partir da oralidade, sendo ensinados mistérios e segredos que envolvem séculos de tradição acumulada, que passam despercebidos pela análise científica eurocentrada por diversas vezes. Nesse sentido, oralidade é aqui compreendida não só como comunicação diária, mas meio de preservação da sabedoria ancestral, que conforma a tradição oral (Vansina, 2010). O preparo de um remédio caseiro, por exemplo, demanda experimentação, mas cada remédio é um artefato social, tem história própria, que vem do conhecimento da raizeira e dos testemunhos de cura de quem o usou.

Começou por ela, porque a minha vó sempre plantou, ela era benzedeira. E, então, geralmente, a maioria dos benzedor tem suas ervas em casa. Por isso que eu conheço algumas delas. E aí, eu fui pegando gosto pelas plantas através dela. E ela me

ensinou o que algumas plantas era bom, né, e o nome delas. E aí, depois, fui crescendo e continuei o legado dela. Menos o de benzer, o de benzer, infelizmente, eu não aprendi. Mas o das plantas, o que pude aprender eu aprendi. E aí veio também os grupos agroecológicos que eu participei e participo, alguns até hoje, que a gente também foi agregando mais conhecimento. Mas eu tenho isso desde pequena, quase que desde que eu nasci. Aí veio aquela fase de bebê, tem os chazinhos. Porque, na verdade, naquela época não se existia tanto acesso a comprimidos, era mesmo os chás. Desde que eu nasci, minha vó mexia com plantas e benzeção, há uns 50 anos atrás. E tinha outras benzedadeiras que eu tinha contato com elas, mas hoje em dia, é uma coisa rara de se encontrar, mas eu tinha contato com as da época da minha vó (Mulher parda, entrevista concedida em 02/12/2022).

Em outro trecho da conversa, ela relata como adquiriu os saberes sobre as ervas medicinais, um ensinamento dado por sua avó, moradora da Cabana do Pai Tomás, na época de seu surgimento e estabelecimento. Sua memória revisita a Cabana dos anos 1970, com a presença de benzedadeiras, raizeiras que atendiam às demandas de saúde e espirituais da população, época em que o acesso aos medicamentos alopáticos (comprimidos, como ela diz) não era tão incorporado ao cotidiano, ainda mais, para populações com limitações de acesso à biomedicina e às infraestruturas de saúde pública, como era o caso da Cabana do Pai Tomás.

Refletindo sobre o presente, a disputa entre o saber científico dito moderno e os saberes populares, ancestrais e tradicionais, inscrita numa ordem de colonialidade (Quijano, 2005), diz respeito aos marcadores sociais no contexto em que ela se insere: aos vários níveis de legitimidade social entre diferentes práticas de cuidado; o privilégio de uns saberes sobre outros; a escolha pela confiança nas medicações alopáticas; a associação da alta densidade tecnológica como legitimadora das soluções de cuidado. Quando a entrevistada rememora que “naquela época não se existia tanto acesso a comprimidos”, ela nos evoca o presente, o contexto de uma sociedade hipermedicalizada. Lipovetsky (2007) explica esse fenômeno pelo avanço do processo de transformação da saúde em mercadoria; a adjetivação de bens de consumo como “saudáveis” incute valor de troca em alimentos, hábitos, cosméticos,

turismo etc. O autor anuncia o tempo da “medicalização da vida e do consumo” (p. 54).

A medicina popular e tradicional, por outro lado, se efetiva a partir de uma concepção de saúde como equilíbrio/harmonia com a natureza ou com a divindade, considerando que as doenças se manifestam física e espiritualmente. A partir dessa concepção, o papel das ervas medicinais e dos rituais e orações é colocado em destaque, pois a cura e o equilíbrio encontram sua manifestação a partir da aplicação dessas práticas. Nesse sentido, a centralidade do tratamento é deslocada da medicina alopática, pois ela seria, nesse recorte e contexto, limitada para lidar com o desequilíbrio espiritual. O recurso à medicina popular retira da centralidade o raciocínio biomédico, o hospital, o remédio encontrado na farmácia, produzido pelas grandes empresas farmacêuticas. O que não quer dizer que os remédios alopáticos não devam existir ou que haja uma defesa de sua substituição de forma irrestrita. Diferentemente de uma ideia que perpassa a sociedade, a medicina popular é vinculada às tradições e à ancestralidade, em diálogo com os princípios de um movimento pela saúde popular, em compasso com a defesa do Sistema Único de Saúde (SUS), trabalha na perspectiva da complementaridade, de uma trajetória concomitante, coordenada, em que os saberes, as práticas ancestrais e as tradições são incorporados como parte de uma noção ampliada de saúde, promoção da saúde, cuidado e tratamento.

O olhar para a história da Cabana do Pai Tomás do ponto de vista dos saberes ancestrais, tradicionais e populares levanta questões interessantes sobre essa relação entre a medicina popular, a medicina convencional e a saúde pública. A história política da Cabana é marcada por luta social muito relevante para o território: a da saúde. Mas qual saúde os sujeitos querem? Como a luta pelos equipamentos públicos poderia conviver com a resistência dos saberes populares em saúde? Como uma história política marcada por fortes embates poderia se entrelaçar a outra, relativa à preservação de outros saberes, cosmovisões, relações com o corpo e com a própria noção de saúde?

Em 1979, nas reuniões do Conselho Paroquial da Paróquia Cristo Luz dos Povos, com a presença de moradores da comunidade e a atuação do psicólogo William César Castilho Pereira,¹¹ o tema da saúde assume relevância política muito significativa. Nas reuniões, com ajuda desse psicólogo, foi elaborado um quadro das condições de saúde-doença da população e outros problemas enfrentados. Desse trabalho, foi desenvolvido um livro, intitulado *O adoecer psíquico do subproletariado* (Pereira, 1990). Em 1981, como o tema da Campanha da Fraternidade foi “Saúde para todos”, a paróquia desenvolveu diversos trabalhos participativos, envolvendo cursos e formações sobre diversos assuntos para os moradores da comunidade (Corrêa, 2004), o que os aglutinou em torno da luta por serviços básicos de água, esgoto, luz, a construção do centro comunitário, a creche, o curso supletivo e o posto de saúde, motivando a retomada das atividades da Associação de Moradores. Essas lutas dos moradores se concretizaram em vitórias, considerando que hoje na região da Cabana do Pai Tomás e em seu entorno existem três centros de saúde: Waldomiro Lobo, Vila Imperial e Cabana.

Uma reflexão possível sobre essas conquistas diz respeito a seu caráter contraditório. A urbanização, as obras de saneamento e recapeamento de vias, o acesso dos moradores aos centros de saúde são conquistas legítimas e reconhecidas pela população como tal, mas também são expressões de como as práticas dos sujeitos, corporificadas em seus territórios, fazem resistir e subvertem a hierarquização estabelecida a partir das ideias de moderno, urbano e progresso, colocadas, na organização societária capitalista, em conflito com o tradicional. Os centros de saúde e a presença de uma concepção biologicista de saúde, da medicalização e hipermedicalização atuam em uma relação ainda frágil, e, em certa medida, conflituosa frente à

¹¹ William Cesar Castilho Pereira (1951-), mineiro, estudou psicologia na PUC Minas e é doutor em serviço social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Psicólogo clínico, atuou por várias décadas como professor da PUC Minas. Também foi docente da Faculdade dos Jesuítas (Faje). Assessor da Arquidiocese de Belo Horizonte e do Conselho Episcopal Latino-americano – Bogotá – Colômbia (Celam). Autor de livros como *Dinâmica de grupos populares*, *Nas trilhas do trabalho comunitário e social: teoria, método e prática* e *O adoecer psíquico do subproletariado*.

medicina popular praticada pelas raizeiras e benzedadeiras. As obras de urbanização e saneamento representam o atendimento parcial a longas demandas históricas, mas que dialogam pouco ou mesmo desconsideram a existência de quintais, hortas, áreas verdes e de lazer. A alteração de vias e construções materializa um anseio que vem desde anos 1960 por estar no espaço “oficial” da cidade, mas impõe um transcurso que modifica os trajetos das procissões e cortejos das guardas de Congado e se sobrepõe a outra cartografia do território que é social, construída coletivamente pelos sujeitos. São retratos da contradição da cidade de Belo Horizonte e de tantas outras metrópoles, a (des)convivência do centro e da periferia. Frente às tentativas de apagamento, contudo, persistem e resistem os saberes e as práticas dos “múltiplos territórios” e das ricas identidades que perfazem as cidades e as suas histórias.

Considerações finais

A relação da história da Cabana do Pai Tomás com a da cidade de Belo Horizonte permite refletir sobre aspectos importantes de como as ambivalências entre o centro e a periferia estão tensionadas, considerando que a produção dessa dicotomia se efetiva a partir de uma epistemologia que hierarquiza saberes e práticas. Apesar de invisibilizados por uma historiografia que privilegiou aspectos da história política da Cabana, os saberes populares, ancestrais e tradicionais se entrelaçam na trama da construção do território. As manifestações culturais e os saberes populares estão entranhados também na memória da comunidade, compondo desde a memória sobre o nome da favela até a trajetória de sujeitos como benzedadeiras e benzedeiros, as raizeiras e os raizeiros, rainhas e reis, capitãs e capitães do Congado, reconhecidos em sua vizinhança e no território.

Esses saberes, contudo, também passam por um processo de tentativa de apagamento social, que se intensifica ao longo do tempo. O Congado, por exemplo, enfrenta o racismo religioso, o desrespeito e

preconceito por suas práticas, e tem suas atividades dificultadas. Elas seguem ocorrendo, enriquecendo e embelezando as ruas da favela, mas as guardas sentem a retração da quantidade de integrantes, que envelhecem, se afastam, falecem, sem que se renove o interesse de tantas e novas pessoas. As benzedeadas e raizeiras existem, mas em número muito reduzido na Cabana do Pai Tomás. A frase mais ouvida no território dá conta daquelas “senhorinhas” que não existem mais, há algum tempo. Quando aprofundadas as buscas, os relatos também esbarram no racismo religioso, que faz com que as poucas benzedeadas até continuem exercendo suas práticas, mas não de forma pública e divulgada.

Atualmente, há uma discussão na comunidade, que segue em sua luta histórica de conquistas de direitos sociais, sobre a utilização de um espaço para um centro cultural comunitário ou para uma nova creche no território. A creche é equipamento fundamental para o cuidado das crianças e a possibilidade de trabalho de mães e pais, que necessitam da produção de sua renda familiar. O centro cultural é equipamento importante para realização de eventos culturais, diálogos entre as diferentes manifestações artísticas e de saberes, além de funcionar como espaço de apoio para organização prática dos grupos culturais existentes. A disputa entre a existência de um centro cultural e de uma creche também diz de uma busca por resoluções de problemas comunitários vinculados à maneira que a sociedade se organiza em torno da produção e da reprodução da vida.

Em meio aos participantes desse projeto em curso, é possível dizer que a luta pela resistência ao apagamento dos saberes populares, tradicionais e ancestrais envolve a luta por uma Cabana com mais espaços e vias mais estruturadas para os festejos, cortejos e rituais do Congado e outras expressões religiosas. Uma Cabana com mais presença de quintais, com espaços de produção de plantas, de saberes e práticas da medicina popular, mas também de florescimento de outras sociabilidades. Quintais e praças que sejam espaços para o pleno exercício da imaginação que cria brinquedos e brincadeiras, estimulem afetos e deem lugar a outras

cosmovisões, outras memórias e registros que também compõem a história do território.

Referências

30 ANOS DA GUARDA de Congo São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Belo Horizonte: Renca Produções, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rCpZjY09DIY>. Acesso em 10 dez. 2024.

CORRÊA, Osvaldo Manoel. *Misticismo e resistência na Cabana do Pai Tomás: a função da religiosidade no processo de ocupação e resistência no solo urbano na cidade de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Universidade Fumec/C/Arte Editora, 2004.

CUNHA, Álisson Veloso da. *A favela Cabana do Pai Tomás: a ocupação consentida, memória e história*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

DUARTE, Regina Horta. À sombra dos ficus: cidade e natureza em Belo Horizonte. *Ambiente & Sociedade*, v. 10, n. 2, p. 25-44, jul. 2007

GARCÍA, Diana Manrique. Curanderas y parteras: saberes que reivindicam y tensionan. *Sociologias*, v. 24, n. 59, p. 84-107, jan. 2022.

HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

JULIÃO, Leticia. Belo Horizonte. In: DUTRA, Eliana (org.). *BH: horizontes históricos*. Belo Horizonte: C/Arte Editora, 1996, p. 49-118.

LEFEBVRE, Henri. *Espaço e política, direito à cidade II*. Belo Horizonte: UFMG, 2019.

LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MINAS GERAIS. Secretaria do Trabalho e Ação Social. *Levantamento histórico: Cabana do Pai Tomás*, v. 3. Belo Horizonte, 1984.

- MINAYO, Maria Cecília de Souza; COSTA, António Pedro. *Técnicas que fazem uso da palavra, do olhar e da empatia: pesquisa qualitativa em ação*. Aveiro: Ludomedia, 2019.
- OLIVEIRA, Samuel Silva Rodrigues de. *"Trabalhadores favelados": identificação das favelas e movimentos sociais no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte*. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais). Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2014.
- OLIVEIRA, Samuel Silva Rodrigues de. *"A favela vem à cidade e não é para sambar": o movimento de favelas de Belo Horizonte (1959-1964)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- PEREIRA, William César Castilho. *O adoecer psíquico do subproletariado*. Belo Horizonte: Segrac, 1990.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 118-142.
- SANTANA, Bianca. *Arruda e guiné: resistência negra no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Fósforo, 2022.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, quilombos: modos e significados*. Brasília: INCTI/UnB, 2015.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4 ed. São Paulo: Edusp, 2006.
- SANTOS, Odete Maria; SANTOS, Jéssica Silva Gomes. 30 anos da Guarda de Congo São Benedito e Nossa Senhora do Rosário: artes de rezar na Cabana do Pai Tomás. In: RODRIGUES, L. A. D. R. CHAVES, B. S. C. e LIMA, T. F. (Org). Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2023. Disponível em: <https://www.finostracoeditora.com.br/e-book-30-anos-da-guarda-de-congo-sao-benedito-e-nossa-senhora-do-rosario>.
- SOUSA, Patrício Pereira Alves de. Os lugares da festa: narrativas de espaço, tempo e etnicidade no Congado mineiro. *Geografias*. Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 39-56, jul.-dez. 2016.

VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, Joseph (ed.). *História geral da África I: Metodologia e pré-história da África*. 2 ed. Brasília: Unesco, 2010.

VIEIRA SANTOS, Andrea Adelina. *A história da Cabana contada por seus primeiros moradores: processo de análise e experimentação na construção de um documentário*. Frutal: Prospectiva, 2016.

VILARINO, Marcelo de Andrade. *Festas, cortejos e procissões: tradição e modernidade no Congado belo-horizontino*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007.

Recebido em: 19 de abril de 2024

Aceito em: 11 de agosto de 2024